ANO 32.º — Sábado, 13 de Janeiro de 1940 — N.º 1611

O DEMOCRATA (AVENÇADO)

Semanário Rèpublicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: IMPRENSA UNIVERSAL
Rua Combatentes da G. Guerra — Telef. 125 — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Tôda a correspondência deve ser dirigida ao Director
Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto — Agência Havas

ANO ÁUREO

Quando em Março de 1938 Salazar, na sua *Nota Oficiosa*, entendeu «que seria bem celebrar solenemente nos dois próximos anos (1939 e 1940) as referidas datas (Fundação e Restauração de Portugal), fundidas no mesmo significado de independência nacional e constituindo, portanto, um ciclo único de comemorações festivas», os mais cépticos tiveram a antevisão duma certeza grandiosa por estarem já certos de que nunca tal nota teria sido publicada se o chefe do Govêrno não tivesse antecipadamente a certeza de que se poderia fazer uma celebração condigna.

Circunstâncias de vária ordem fizeram que só no ano que entra tais comemorações possam efectuar-se, embora achemos que nunca se poderia encontrar festa alguma que tão bem pudesse celebrar no ano findo o 8.º centenário da batalha de Ourique como a viagem que às províncias do Ultramar empreendeu o Chefe do Estado, fundindo num abraço fraternal as duas metades de Portugal e oferecendo ao mundo, já então aterrado pelo espectro da guerra, a certeza de que a Nação Portuguesa é una em tôdas as suas partes, e, hoje como ontem, é criadora de mundos e fundadora de nações. Só esta viagem bastaria para fazer marcar na história de Portugal o ano de 1939 como uma bola branca ou, melhor ainda, como um padrão immorredouro igual ao que na foz do Zaire descerrou o sr. General Carmona na sua primeira viagem de 1938.

Mas se devido à conflagração em que se encontram envolvidcs alguns dos mais poderosos Estados da Terra se acha «irremediàvelte prejudicado o alcance internacional das comemorações centenárias» estas realizar-se-ão, a-pesar disso, «na data própria, com as modificações e aligeiramentos de programa aconselhados pelas circunstâncias». Não faltará a colaboração do Brasil que, no dizer do sr. Comissário da Exposição do Mundo Português, «é a afirmação da unidade do espírito e da história que liga Portugal à grande Nação Sul-Americana». E se os festas não podem, pela fôrça das circunstâncias, ter aquela projecção internacional que Salazar e os portugueses esperávam, nem por isso, devido às realizações de ordem material que ficarão para o futuro a atestar o nosso esfôrço construtivo, elas deixarão de repercutir no Mundo e constituirão, nesta hora de lutas e de sangue, uma serena lição de paz que o Mundo não perderia em ouvir.

Porque é preciso que fique bem assente que as comemorações centenárias só se realizarão porque, enquanto três quartas partes do Mundo se batem, o nosso país constitue uma das poucas *zonas de paz* que existem à face da Terra. Quando o espectro da guerra, primeiro, e a trágica realidade, ao depois, atiravam as nações para a corrida aos armamentos com o consequente reflexo na sua vida económica que não poderia, fatalmente, seguir o seu ritmo normal, Portugal, serenamente prosseguia na missão que julga do seu dever cumprir, trabalhando conscientemente por um futuro melhor, reerguendo das ruínas um país depauperado e arruinado por mais de cem anos de lutas mesquinhas e vergonhosas cujos écos chegam ainda até nós, a-pesar da obra magnífica dos últimos 11 anos quási nos fazer esquecer êsse passado ainda tão recente.

Vão, pois, realizar-se as comemorações centenárias. Já em 28 de Maio dêste ano, na cidade do Pôrto, a cidade do Trabalho, vai realizar-se o grandioso Cortejo do Trabalho, expressão plástica e cromática da grandiosa obra do Estado Novo em benefício dos trabalhadores. E até ao fim do ano que agora entra cada data ligada à nossa história será celebrada condignamente, obrigando todos os portugueses a tomar, como disse Salazar, «um tónico de alegria e confiança em si próprios, através da evocação de oito séculos da sua História, que foram simultâneamente oito séculos da História do Mundo, e através da solidez e eternidade da sua independência», ao mesmo tempo que se lhe dará a certeza de que «Portugal, nação civilizadora, não findou e continua, pelo contrário, a sua alta missão no Mundo».

Estamos entrados, pois, no Ano Aureo das comemorações e «vamos a ver se, dominados por tão alta e bela ideia, não expulsaremos de nós o espírito da tristeza e do mal, a-fim-de nos prepararmos para festejar condignamente — o que raros poderão fazer — oito séculos de independência, quere dizer; de vida livre e de trabalho intenso, em grande parte desinteressado e a favor de outros povos da terra».

S. P.

Efemérides

13 de Janeiro

1826 — E' fusilado fr. Amor Divino Careca, rèpublicano brasileiro.

1899 — O Tribunal da Relação de Lisboa despronuncia o jornalista França Borges, que uma cilada do Poder conseguira tornar incurso na lei de 13 de Fevereiro.

Serviço farmacêutico

—o—

Encontra-se amanhã aberta a *Farmácia Brito* — Rua Coimbra.

Assalto e roubo

Na noite do último sábado foi assaltada pelas trazeiras do prédio e por meio de arrombamento, a Cooperativa da Guarnição Militar da cidade. de onde o gatuno levou todo o dinheiro que encontrou e que deve andar por 2.500$00.

Feita a devida participação às autoridades, foi capturado um furriel de Cavalaria, em quem recaiem todas as suspeitas de ser o autor da proeza.

Gervásio Aleluia

Regressou do estrangeiro êste considerado industrial aveirense, que, tendo adoecido em Limoges, não poude completar o itenerário da viagem.

Fazemos votos pelo restabelecimento do presado amigo.

Portugal e o Turismo

—o—

Os Serviços de Turismo, até há pouco integrados no Ministério do Interior, passaram a fazer parte do Secretariádo da Propaganda Nacional.

Havia muito já que o S. P. N. estava ligado, indirectamente, ao desenvolvimento do turismo no nosso país. São, na realidade, conhecidas as suas iniciativas no sentido de fomentar um melhor conhecimento de Portugal e de proporcionar, por todos os meios, as facilidades necessárias à êsse conhecimento.

Além túmulo

Elísio Feio

Como o tempo corre! Fez ontem 12 anos que morreu êste impenitente *blagueur* e convicto republicano.

Saudosamente o recordamos.

Mudança da hora

Parece que êste ano se operará na Inglaterra e França de 17 para 18 do próximo mês de Fevereiro.

Se calhar também nós vamos usar a hora de verão no pino do inverno!

Como tudo anda *baldeado!*...

A inqualificável atitude do dr. Brito Camacho

perante o filho, que teve de reclamar os seus direitos no Tribunal

Foi tornada pública no fim da pretérita semana a sentença do tribunal que, em Lisboa, julgou a acção movida pelo sr. capitão Videira Camacho no sentido de obter o reconhecimento de filho do dr. Brito Camacho e que conclue do seguinte modo:

«Julgo a presente acção procedente e provada e, consequentemente, o autor Joaquim Emílio Videira Camacho, filho ilegítimo do dr. Manuel Brito Camacho, falecido em Lisboa, no estado de viuvo, em 19 de Setembro de 1934, atribuindo assim ao mesmo autor todos os direitos e relativas obrigações do seu reconhecimento como herdeiro legítimo do seu falecido pai e especialmente o direito de receber a sua legítima, nos termos do artigo 31.º do decreto n.º 2 de 25 de Dezembro de 1910.

São, pois, condenados todos os réus a abrir mão dos bens que constituem a herança de Manuel Brito Camacho e, em especial, dos referidos no testamento, a-fim-de constituir a legítima do autor.

Mais condeno os mesmos réus que venham a ser afectados pela anulação total ou parcial das disposições testamentárias a seu favor, a restituir, respectivamente, o total ou a parte proporcional dos rendimentos, desde a morte do testador, ou bens que constituirem a legítima do autor, devendo a referida proporção estabelecer-se quanto a cada um entre a parte da disposição anulada e a parte considerada válida».

O valor da acção foi fixado em 500 contos, mas só para efeitos de imposto de justiça, visto a fortuna ascender a mais de 1.300.

Palavra que não sabemos para que servem a inteligência e a cultura de certos indivíduos.

Brito Camacho fartou-se de apontar aos outros defeitos quando, afinal, as qualidades reveladas atravez dêste julgamento o deixaram pessimamente colocado.

Quando as chamadas *élites* procedem assim...

Miséria das misérias!

«A Portuguesa»

—o—

Tem 50 anos de existência — fá-los agora — êste hino patriótico, que o regimen republicano transformou em nacional.

Nasceu *A Portuguesa* depois do *ultimatum* de 11 de Janeiro de 1890, tendo vibrado em todos os recantos do país como um protesto altivo ante a afronta de que fomos vítimas e tanto abalou a monarquia.

Alfredo Keil foi o autor dessa música, pertencendo a letra a Henrique Lopes de Mendonça, ambos já mortos.

As nossas homenagens.

Café sintético

Corre na imprensa diaria a noticia de ter sido inventado pela indústria química alemã um produto que substitue o café verdadeiro e ao qual falta unicamente qualquer coisa que nele opere, semelhante à cafeina, com benéfica influência sôbre o coração.

Se, com efeito, o novo sucedaneo do café chega a ser superior, como dizem, ao que a Natureza cria, temos, pela certa, outra revolução, dados os prejuizos que deve causar aos que vivem da sua cultura.

Isto é que é progresso!

Dr. Jaime Duarte Silva

Encontra-se num quarto particular do Hospital da Universidade de Coimbra a-fim-de receber o tratamento aconselhado pela medicina, o distinto causídico, sr. dr. Jaime Duarte Silva, por quem Aveiro se interessa vivamente, formulando votos pelas suas melhoras.

O Democrata acompanha os que, com fervor, as imploram da Providência.

Êste número foi visado pela Censura

IMPRENSA

Ocidente

Chegou-nos o n.º 21 da revista lisbonense onde a literatura e a arte se afirmam por forma brilhante através as suas páginas. E', como temos dito, dirigida por Manuel Murias e Alvaro Pinto, que não se poupam a esforços para a impôr à consideração dos intelectuais portuguêses.

Defesa de Arouca

Acaba de entrar no 15.º ano o colega nacionalista, dedicado aos interêsses do concelho donde tira o nome e que, como tal, valiosos serviços presta sob a direcção de Henrique de Almeida.

Felicitamos a *Defesa de Arouca*, à qual devemos as melhores provas de boa camaradagem.

Soberania do Povo

Também passou o aniverrio dêste confrade, que se publica em Agueda e do qual foi fundador o sr. dr. Albano de Melo, Segue agora a política nacionalista, espalhando, com entusiasmo, a boa doutrina.

Os nossos cumprimentos.

O Sanjoanense

Começou a publicar-se em S. João da Madeira um novo quinzenário com o título que nos serve de epígrafe. Mau sinal. Não é o concelho tão grande que necessite de dois jornais. E são tão prejudiciais as divisões...

Labor

Saiu o número desta revista local correspondente ao mez que decorre.

Continua a marcar logar de destaque.

Benemerência

—o—

O nosso assinante de Algés, sr. alferes Alberto Exposto, tendo-nos enviado directamente a importância do ano de 1940, incluiu mais 5$00 para o mialheiro dos pobres do jornol, o que nunca se esquece.

Muito lhe agradecemos.

Feira de Março

Começou no princípio da semana a construção do respectivo abarracamento, constando-nos que na Câmara já deram entrada alguns pedidos de terreno destinados a *stands* de amostras.

Vê-se que esta modalidade continua a interessar e ainda bem.

Os telefones em Aveiro

ADMIRÁVEL SERVIÇO!...

O caso que vamos narrar em poucas linhas deu-se na quarta-feira ao meio dia menos um quarto.

Pedimos uma ligação para o n.º 22. Demorou. Repetimo-la. Mais demora. Insistimos. E sendo ela para a Fábrica Aleluia falam-nos, depois de todas as demoras, da Portugal e Colónias!

Solicitámos o favor de desligarem e, de novo, diligenciámos obter da central ligação para o n.º 22. Dois, dois — dissemos bem claro. Esperámos. E de aí a pedaço saíu-nos a casa Pascoal!

Pedimos desculpa e que desligassem, voltando, de novo, à central para obter o 22.

— Está?

— Estou. Donde fala?

— Do quartel de Cavalaria!

— Do quartel de Cavalaria?!

Nesta altura pousámos o auscultador e saímos, enquanto as pessoas que se encontravam no escritório donde telefonavamos soltavam uma estridente gargalhada.

O que vale é que não era urgente o assunto a tratar...

O TEMPO

—o—

Depois da tempestade, a bonança — foi, será e há-de ser sempre assim. Por isso temos gosado, desde segunda-feira, dias formosíssimos, que até parecem Primavera.

Um regalo.

IN MEMORIAM

MÁRIO DUARTE

Viuvo da senhora Baronesa da Recosta, faleceu com 70 anos.

Ainda o ano passado festejou o seu aniversário entre a numerosa pleiade de amigos do Club Tauromáquico de que era um dos sócios mais antigos.

Enquanto académico, frequentou as três Universidades do país, jovial e alegre, sempre amigo do seu amigo. Em Coimbra foi companheiro de casa do desditoso poeta António Nobre que, na «Carta a Manuel» do *Só*, referindo-se a Mário Duarte, o evoca dêste modo:

Logo havia alegria,
Mal chegava o Mário de Anadia...

Sportsman enciclopédico, conseguiu numerosas classificações em provas de natação, remo, hipismo, tiro, ciclismo, tennis, etc., sendo campeão em algumas.

Vencedor do plebescito — «Qual o sportman mais completo de Portugal?» — feito em 1907 pela revista *Tiro e Sport*, seguido do rei D. Carlos e do dr. César de Melo.

Foi *captain* do *team* do Ginásio Aveirense que, no Hipodromo de Matosinhos, em 1899, jogou o primeiro desafio de *foot-ball*, a sério, no norte de Portugal, contra os ingleses do Real Velo Club. Este *match* teve por influxo o movimento creador de Guilherme Pinto Basto que, pouco antes, havia sido a alma do 1.º Porto-Lisboa, com ingleses à mistura.

Foi director do Velodromo de Lisboa, visitado pelos melhores ciclistas europeus; organizador das primeiras provas de natação, sendo digna de registo a prova de 100 metros para disputa da *Taça D. Manuel II*, oferecida pelo falecido rei e ganha dois anos pelo desditoso Carlos Burnay Sobral.

Fez parte da primeira equipa de tennis que se deslocou à Madeira, capitaneada por Guilherme Pinto Basto. Organizou um encontro de tennis entre o grupo de Aveiro, chefiado por êle, e outro de Lisboa, chefiado por Guilherme Pinto Basto, tendo jogado por Aveiro, Ricardo Borges de Sousa, os irmãos Alves de Sá, etc.

Em 1897-98 foi campeão amador de ciclismo. Correu no Velodromo D. Amélia, do Pôrto, e nos velodromos de Vila do Conde, Aveiro e Algés, tendo ganho aqui a *Taça Rei D. Carlos*. Neste ramo de *sport* teve por companheiro José Diogo D'Orey, seu grande amigo e um campeão de excepcional classe.

Habitué do *stand* de tiro aos pombos da Tapada de Ajuda, onde, aos sábados, de 1900 a 1907, se reuniam as melhores espingardas daquele tempo, quando êsse *sport* era apanágio da *élite* da sociedade portuguêsa. Entre todos os atiradores destacava-se a figura do rei D. Carlos, um dos melhores atiradores europeus da sua época. Inscreveu o seu nome na Taça oferecida pelo rei Eduardo VII, de Inglaterra, ganha outros anos pelo rei D. Carlos e príncipe D. Luiz Filipe.

Toureou em muitas corridas de beneficência, por tôdas essas praças de Portugal onde fôsse preciso um auxílio generoso. Foram seus companheiros nestas diversões muitos dos que o ano passado se juntaram à sua volta, no jantar do Club Tauromáquico, em Lisboa.

Em 1913 foi encarregado pelo Governo de acompanhar a 1.ª embaixada desportiva ao Brasil e estudar o desenvolvimento desportivo daquela grande nação irmã. De regresso da sua viagem apresentou um interessante relatório que mereceu as mais elogiosas referências e a atenção das esferas interessadas.

Foi presidente do Congresso da Fe.

COM *Barrocão* ao lado não há tristezas

deração Portuguesa de Foot-Ball. Era presidente honorário do Club que os seus amigos fundaram em Aveiro com o seu nome e sócio honorário do Club de Foot-Ball «Os Belenenses»,

Escreveu em diversos jornais e revistas, sendo deveras interessantes os seus artigos em matéria sportiva.

Possuia uma valiosa colecção de taças, salvas de prata, medalhas e diplomas, e um par de espadas oferta da rainha D. Amélia num concurso da Tapada.

Director de Finanças, aposentado, prestou alguns bons serviços ao país em diferentes funções públicas.

Quando o sr. Doutor Oliveira Salazar começou a sua excelente obra de renovação, Mário Duarte foi, em Aveiro, um dos seus mais dedicados servidores.

A sua obra mais valiosa e meritória deve analizar-se no Ginásio Aveirense. Comprou para o club os melhores aparelhos de ginástica e, por sua iniciativa, foi dedicada à juventude do liceu e das escolas uma classe de ginástica, sob a vigilância da assistência médica e ministrada por professores e pelo próprio Mário Duarte, cimentando, dêste modo,a primeira iniciativa particular, na província, para o revigoramento da raça, de que foi paladino.

JOÃO DO CAIS

Da secção desportiva do semanàrio lisbonense *1.º de Maio*, transcreve-se ainda:

Mário Duarte foi um nome grande do desporto português. Cremos que conhecia, que praticava tôdas as espécies de exercícios físicos. Um desportista verdadeiramente «enciclopédico».

Vimo-lo correr, saltar, fazer *yachting*, jogar a bola, manejar a raquete.

Dêle fêz um fino espírito da nossa época o retrato que, em seguida, copiamos:

«Viamos Mário Duarte na Lezíria de «calacera» correndo às lebres ou de pampilho em riste, apartando touros; na Parada; de calça de flanela branca jogando «tennis»; na Baía de Cascais de jaquetão assertoado, azul e botões dourados, regulando a escota da canoa; na Tapada da Ajuda de indumentáaia mais grave, atirando aos pombos; no Bom-Sucesso, na fase inicial do futebol, cuecas e, finalmente, de jaqueta, bandarilhando, entre outras, nas touradas à antiga portuguesa do 4.º Centenário da Iudia, no Campo Pequeno, em Maio de 1898, e na promovida por Sua Majestade a Rainha, em Outubro do mesmo ano, em Cascais. Com a mesma naturalidade envergava a casaca de botoeira florida para admirar as cantoras de S. Carlos».

A morte do grande desportista passou quási despercebida. Esquecem depressa os nomes dos que abandonaram os campos das lutas desportivas. O nome de Mário Duarte, porém, é daqueles que merecem ser perpetuados nos recintos de desporto.

Inundações no centro do país

A cheia do Tejo que se registou, por virtude das violentas chuvadas que caíram sôbre a região, inundou extensas superfícies do centro do país.

Trezentos e noventa quilómetros quadrados, de Santarém para o norte, até Abrantes, encontram-se completamente cobertos pela água, que inutilizou culturas, interrompeu comunicações, lançou no desemprêgo centenas de trabalhadores rurais.

Felizmente, e a-pesar das proporções alarmantes que a cheia dêste ano revestiu (é a maior de que há memória de há muitas dezenas de anos para cá) o trabalho de assistência aos sinistrados teve início imediato. Começaram já a ser distribuidas refeições e agasalhos, procurando-se,ao mesmo tempo, dár abrigo conveniente àqueles que viram as suas casas assaltadas pela água.

Os ministros das Obras Públicas e Comunicações e da Agricultura visitaram as regiões inundadas, informando-se das necessidades respectivas, e prometeram auxílio pronto e eficaz às populações atingidas. Lembremo-nos que vivemos numa

época em que as promessas dos governantes se cumprem: em meio de tanta infelicidade, os habitantes dessas terras veem descer junto dêles a protecção efectiva do Govêrno da Nação. 111.500 escudss foran distribuídos pelas Câmaras municipais do Ribatejo.

Calendários

—x—

Recebemos dois para o ano que decorre, sendo um da casa Eduardo Pereira Pinto & Filhos, com acessórios para fiação e tecelagem na Rua Duque Saldanha, da cidade do Porto, e outro reclamando os espumantes naturais da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal, de que é agente nesta cidade o sr. José Ramos.

Agradecemos.

Finalmente!

O *Diário de Coimbra*, na sua edição de quarta-feira, dá por terminada a campanha a favor da organização de um sindicato da pequena imprensa, frizando, mais uma vez, que os interessados, à excepção dos dez a que se havia referido, não deram *sinal de vida*.

Se somos assim em tudo...

Ver a 4.ª página

Notas Mundanas

Aniversários

Fez anos, no dia 9, o menino Manuel Alvaro, filho do sr. dr. Manuel Soares, médico local; hoje, fá-los o sr. Angelo Martins Lima; em 15, a sr.ª D. Maria Regina Miranda M. Pinto; em 16, o sr. João Evangelista de Campos; em 17, a sr.ª D. Laura Adelina de Morais Sarmento, dilecta filha do sr. João de Morais Sarmento, digno escrivão de Direito, e em 18, os srs. Luis Lopes dos Santos e Armando S. da Silva Afonso, residente no Pôrto.

Casamentos

Pela sr.ª D. Angela de Sousa Oliveira e marido, o sr. Sebastião Henriques de Oliveira, de Avelãs de Caminho, concelho de Anadia, foi pedida para seu filho, sr. José de Sousa Oliveira, 2.º tenente engenheiro maquinista naval, a mão da sr.ª D. Maria Rosa Leite Ferreira, interessante filha do nosso amigo, sr. Aristides Tavares Ferreira, proprietário do Arcada Hotel.

O enlace deve efectuar-se na próxima Primavera.

Partidas e Chegadas

Abraçámos nesta cidade o velho amigo, dr. Manuel Vieira de Carvalho, que, de visita a sua filha e genro, o sr. dr. Fernando Moreira, conservador do Registo Civil, aqui esteve com curta demora.

O dr. Manuel Vieira de Carvalho exerceu, por largos anos, clinica em Setubal, onde conquistara gerais simpatias, tendo agora vindo fixar residência em Mira, vila que lhe serviu de berço e à qual, por isso, o prendem laços de família com quem mais intimamente passa a viver.

Muito estimamos que o distinto clinico encontre nos ares da sua terra todo o bem estar a que aspira.

—Partiu de novo para a capital, a-fim-de continuar os seus estudos, o sr. José Cristo, aluno da Faculdade de Direito.

CARTA DE LISBOA

11 de Janeiro de 1940

Apêlo patriótico

Na eloquente, brilhante e patriótica mensagem que o sr. Presidente da República dirigiu a todos os povos do Império, na entrada do novo ano, há um apêlo que a nenhum português deve ser indiferente, antes todos, mas absolutamente todos, devem procurar atender e realizar tanto quanto possível.

Referimo-nos ao desejo formulado pelo sr. General Carmona, de que todos os portugueses, estejam onde estiverem, comemorem as datas do duplo centenário. Assim disse o sr. Presidente da República, depois de os saudar:

Espero que os portugueses que não puderem visitar a Mãi-Pátria neste ano das comemorações centenárias celebrem, não obstante, onde se encontrem as festivas datas aqui solenizadas e se associem de todo o coração às manifestações de verdadeiro júbilo patriótico despertado por tão notável acontecimento.

Apêlo digno de tôda a atenção, repetimos, atendendo-o como devem os portugueses mostrarão não só que estão à altura da sua tradição de povo glorioso, como também que sabem ser dignos da memória dos que foram grandes e fizeram justamente a glória da gente lusa. Mas ao mesmo tempo mostrarão ao Mundo, que interessado nos olha, que Portugal que outrora descobriu e civilizou povos sem conta, vive ainda em tôda a Terra e impõe-se ao respeito das nações pelo amor e dedicação dos seus filhos. Assim, todos os portugueses vivam onde viverem, estejam onde estiverem, atendam o apêlo do sr. General Carmona e podemos ter a certeza de que as comemorações centenárias terão verdadeira repercussão universal, como universal é o espírito lusitano.

O novo orçamento

Pontualmente, como de costume, publicou agora Salazar o novo orçamento geral do Estado para o corrente ano de 1940. Documento a todos os títulos notável, dele escreveu e com razão o *Diário da Manhã*, ao noticiar a sua publicação:

«E' uma exposição muito clara e sucinta, em que não há palavras superfluas nem divagações, números cu tabelas super-abundantes. Tudo é limitado ao estritamente necessário, à compreensão justa do assunto, de tal sorte que reputamos preferível pôr de parte nesta ocasião qualquer comentário nosso, que em boa verdade se dispensa e só iria obscurecer a límpida claridade da exposição do sr. Ministro das Finanças, que nos dá a-par-de sábias directrizes da política nacional e mau grado as incertezas do presente, oportuno exemplo da maior confiança no futuro e destinos do país».

Palavras de inteira e absoluta justiça, elas constituem, de facto, a expressão fiel do valor do grande e importante documento, que mais uma vez vem evidenciar o valor altíssimo da política económica e financeira, seguida por Salazar.

Salvação Pública

Pela tabela já publicada, da nova taxa do imposto de salvação pública, verifica-se fàcilmente, que Salazar teve o propósito de lançar um imposto, que pode ser fàcilmente suportado por tôda a gente. E' que não houve a preocupação de cobrar, sem atender às condições das pessôas a quem o mesmo era cobrado. Ao invés, o novo imposto incide sôbre o rendimento de cada um, o que é igual a dizer que foi equitativamente distribuido. Além disso, houve, também, uma outra preocupação, não menos digna de ser posta em relêvo: a de não sobrecarregar quem quer que fôsse. E' assim, que o novo imposto de salvação pública, sendo um sacrifício necessário, pode, aliás, ser suportado por tôda a gente. Cuidando dos interesses superiores da nação, Salazar não esqueceu nenhum aspecto, não descurou o mais pequeno pormenor. Criou um novo imposto porque as circunstâncias o impunham, mas, no entanto, fê-lo tendo sempre em vista a capacidade tributária daqueles a quem êle era pedido.

As inundações

Ante o grave desastre das inundações, o Govêrno tratou logo de acudir às suas vítimas. Enviando dois dos seus membros—os srs. ministros das Obras Públicas e da Agricultura —a visitar os locais mais atingidos e a inteirar-se da situação das respectivas populações, o Govêrno quiz, dêsse modo, manifestar o seu muito interesse por todos os sinistrados. Mas para que a sua acção fôsse completa concedeu, pelo fundo do desemprego, as verbas necessárias para acudir, nas primeiras impressões, a quantos tinham ficado com a sua fazenda e os seus haveres arruinados. Quer dizer: tomando as medidas de circunstância, o Estado Novo acentuou novamente o muito interesse que lhe merece sempre a situação do povo, principalmente quando por desastrosas circunstâncias, como as presentes, êle mais carece de auxílio e assistência.

Os povos do Ribatejo puderam ver agora, que na sua desgraça ainda teem a felicidade de ter, velando por êles, o Govêrno da Revolução Nacional.

GIL DO SUL

Trincheira dum crente

RACINE

Passou há dias o tri-centenário do nascimento de Racine, formosa individualidade das letras francesas, do século XVII. As comemorações realizadas em sua honra fôram absolutamente legitimas. Racine é, poética e literáriamente e é, pela disciplina de pensamento, uma personalidade altamente representativa do grande e luminoso século.

O século XVII é, não só um dos maiores séculos da história francesa, como da própria história da humanidade. E' o século de Luís XIV, do rei sol, grande protector e admirador da arte, da literatura e das letras.

A França tinha atingido, na Europa, a posição predominante. A sua unidade política e territorial estava por assim dizer concluida. E' o período aureo do absolutismo político.

Luís XIV tão consciente da sua missão de rei e tão consciente das ideias informadoras do seu tempo, declarava sem rebuço, com a maior naturalidade do mundo: *L'E'tat c'est moi.*

A França conquistára, também, a sua maioridade intelectual.

No século XVII, em França, nos salões aristocráticos, respirava-se o ar, o ambiente e o perfume duma academia.

A preocupação de pensar bem e o cuidado de escrever bem, são a nobre ansiedade da época. A prosa e o verso atingem a verdadeira soberania. Há qualquer coisa de escultural, de bronzeo, de acabado e de definitivo na prosa francesa do século XVII. A grandeza, a beleza, as nobres linhas arquitecturais da inteligência clássica, estão ali, com propriedade, fortemente representadas.

* * *

Os períodos têm o recorte de sentenças. Nem palavras a mais, nem palavras a menos. O espírito de síntese domina inteiramente a inteligência e a sensibilidade.

O pormenor, o rendilhado muito sóbrio, ocupam o seu lugar sem embaciar a ideia principal, a trave mestra.

Antes do verbo está o pensamento, está o sentimento, está o facto.

A prosa é objectiva e impessoal. O homem que pensa, que faz versos, que tece dramas, que escreve para atingir harmonia, concisão, rigôr mental, sentimento de medida, consciência arquitectural, serenidade olímpica, transparência, clariridade e lucidez, esquece-se por completo, desaparece da obra. E, entretanto, está nêstes traços, a sua forte, rica e rara personalidade.

O século XVII, é o século de oiro, do melhor pensamento clássico, projecção do mais puro espírito helenico e romano.

A prosa ou verso francês dêsse ciclo histórico nunca morre. Adquiriu a beleza, a forma e a estrutura perenes.

Será sempre a escola de bem pensar e a escola de bem escrever.

Boileau, o mestre do génio da época, será sempre um grande crítico.

Quando êle afirmava a Racine, desolado pela sua última obra *Athalie* ter desagradado, talvez já produto da hostilidade e da inveja que não perdôa e de que foi vítima, que ela era a sua obra-prima, sòmente revelou não ser o superior crítico do seu tempo, mas o modêlo de crítico de todos os tempos, o homem e o espírito de sempre, sem idade, sem época e sem espaço. Isto é: o homem com o seu espírito eterno!

J. Carreira

Os prejuízos da Ria

Oportuníssimas considerações e números elucidativos

O nosso colega *O Ilhavense*, a propósito do opusculo da autoria do sr. capitão de mar e guerra, Rocha e Cunha, recentemente públicado sôbre assuntos da ria, escreve:

«Divide o sr. Rocha e Cunha o seu interessante trabalho em dez partes, a saber: — *O litoral, A laguna, Pesca Marítima, Pesca lagunar, Apanha do moliço, Pesca longínqua, Industria salineira, Construção naval, O porto, A laguna e a navegação interior.*

Como não nos interessa senão a apanha do moliço e a pesca lagunar, na sua produção e rendimento, é delas que nos vamos ocupar, embora de corrida, mas simplesmente fundamentados no que vemos exposto no citado opusculo.

Diz nele o sr. Rocha e Cunha que na colheita de moliço se empregavam em 1925 um quantitativo de 1350 barcos com um pessoal de 3390 moliceiros, sendo o valor da produção desconhecido.

Em 1938 o número de barcos empregados nessa indústria desceu para 830 e o dos moliceiros para 1750, com um valor de produção calculado em 3.600.000$00.

Vê-se, pois, que há uma diferença para menos de 526 barcos e de 1640 moliceiros que daquela importantíssima indústria viviam e hoje, naturalmente, morrem de fome ou estendem a mão à caridade.

Mas passemos à pesca.

O número de pescadores empregados no exercício da pesca lagunar em 1925 era de 1610 homens e 549 barcos. Em 1937 era o seu número de homens 1050 e barcos 409.

Há, pois, uma diferença para menos de 560 pescadores e 85 barcos. estando aqueles nas mesmas condições dos moliceiros.

Rendeu o linguádo e azevia em 1938 . . . . . 631.194$00
A sôlha . . . . 208.072$00
O berbigão . . . 340.584$00

Estes são os maiores rendimentos lagunares.

É para notar que entre as espécies mencionadas não figure a tainha.

A tainha que noutros tempos constituía a maior abundância de peixe da nossa ria.

Ainda que a sua verba venha incluída nas espécies não especificadas deve ser tão diminuta que não merece figurar em separado.

A seguir à tainha tinhamos a enguia. A cantada enguia das *caldeiradas*, a enguia de escabeche, frita, cozida e assada porque em todos os cantos da ria ela se pescava.

Pois querem saber quanto rendeu a enguia em 1938 nos diversos mercados da beira-ria? 7.570$00! Menos 623.624$00 do que o linguádo, 200.502$00 do que a sôlha e 333.014$00 do que o berbigão!

A que chegou a enguia de Aveiro!

Não é de estranhar, entretanto, que assim suceda. O linguádo, a sôlha e o berbigão dão-se excelentemente na areia, enquanto a enguia foge dela por falta de abrigos e pela dureza do terreno. E estando a ria de Aveiro e muito particularmente a bacia da Costa-Nova, onde era pescada em grande quantidade a enguia, quási assoriada, não é de estranhar que essa espécie vá desaparecendo até á sua finalidade.

Restarão depois as das marinhas em um número infinitamente insignificante.

Ora, para demonstrar a razão do que aqui temos dito sôbre os prejuizos que estão a dar-se na margem ribeirinha de Aveiro, nada mais elucidativo nem mais concreto.

O moliço desapareceu da ria de Aveiro, porquê? Porque as correntes de água arrastaram consigo areias que, não só o cobriram como afrontaram os terrenos de cultivo à margem da mesma ria.

Podem e querem acudir a este verdadeiro desastre lagunar?

Eis o problema.

Será bom acrescentar que o maior rendimento em peixe e moliço da ria deve ser do norte, da região da Murtosa, porque aqui, na região de Aveiro, o precioso adubo das terras, a riqueza dos lavradores desta região, desapareceu. E com o seu desaparecimento parece coincidir também o desaparecimento, em grande parte, do peixe que fartava as nossas praças, os nossos outrora abundantissimos mercados.»

O Concelho da Murtosa, transcrevendo, também, o artigo, remata deste modo:

O nosso dever de jornalista no assunto é aproveitar e inserir todos os elementos que forem aparecendo com o fim de endireitar o que todos dizem ter ficado torto.

Apoiado!

FALTA DE ESPAÇO

—x—

Por êste motivo somos obrigados a reter vária composição que não perde a oportunidade.

O DEMOCRATA vende-se no Kiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO

Uma carta

Do nosso presadissimo amigo e digno consul de Portugal nas Ilhas da Trindade, Mário Faria Duarte, recebemos a que segue:

Port-of-Spain, Trinidad B. W. I. 19 de Dezembro de 1939

Meu caro amigo Arnaldo Ribeiro

Li no seu jornal de 11 de Novembro o artigo O Desporto em Aveiro—Carta a propósito.

Aquela carta devia ter ferido meu Pai. Á velhice de um amigo, aos setenta anos duma pessoa, seja qual fôr, deve-se guardar um pouco de cortezia. Podemos dizer bem do povo inteiro duma terra sem menosprezar aquele que, exatamente, foi um dos que mais trabalhou por ela de há 50 a 20 anos passados. E meu Pai, nas suas conversas, recordava constantemente os seus preciosos colaboradores daquela saudosa época. A primeira vez que o vi chorar, e chorar comovidamente, foi quando lhe deram a noticia da morte de João Mendonça, o seu mais intimo colaborador.

O nome de meu Pai andava ligado à cidade de Aveiro. E até nas mais distantes terras da América.., Eu conto: um dia apareceu na cidade de Lima (Perú) um homem que foi prêso por indocumentado e que se dizia português,a-pezar-de falar mal a nossa lingua por ter deixado, há longos anos, a Pátria onde não voltara. Pediu para o levarem à presença do nosso Consul. Este fez-lhe as preguntas indispensáveis e o prêso declarou que era dos arredores de Aveiro.

—Se você é de Aveiro, disse-lhe o Consul, dê-me os nomes de alguém que conheça naquela cidade.

Primeiro disse dois nomes que o Consul não conhecia, o que o fez desconfiar; mas logo se recordou do nome de Mário Duarte, cuja figura desenhou mentalmente tal como a conhecera na sua mocidade. O Consul mandou sair a policia e protegeu o nosso compatriota. A invocação do nome de meu Pai salvára o desditoso português da prisão.

A história é verdadeira. O Consul ainda é vivo e continua a exercer as suas funções na cidade de Lima. Trata-se do seu grande amigo, o antigo fidalgo e cavaleiro, D. Rui Zarco da Câmara (Ribeira).

É meu dever agradecer-lhe, meu caro Arnaldo, as palavras amigas com que amenizou a carta dêsse inoportuno senhor que escreveu o artigo para o seu jornal e de quem não quero saber o nome, pois desejo conservar de todos os aveirenses só as bôas recordações.

Um apertado abraço aos velhos e bons amigos de meu Pai, que hoje, mais do que nunca, recordo comovidamente e com muito apreço. E para si outro grande abraço

Do seu amigo de sempre,

MÁRIO DE FARIA DUARTE

P. S. — *A última coisa que recebi de meu Pai, o mês passado, foi um volume registado, contendo musicas populares de Aveiro e o Hino Nacional* À Portuguesa, *que ele tinha pedido ao amigo Lé,*

Se o patriotismo nasce do amôr à terra, à rua onde vivemos, aos nossos visinhos, à cidade, à Pátria que é tudo isto, o seu pensamento, ao enviar-me essas musicas, era ainda para Aveiro e Portugal. O seu exemplo viverá no meu coração.

M. D.

Santos Mártires de Travassô

Realisa-se na segunda e terça-feira a popular romaria da progressiva freguesia do concelho de Agueda, que costuma atrair multíssimo povo devido à tradição e à fama de que gosa.

E' nas proximidades que se encontra o atraente Miradouro de Almear donde se disfrutam as melhores vistas panorâmicas sôbre a região do Vouga, e que se deve à iniciativa do sr. engenheiro Almeida Graça.

Haverá combóios a preços reduzidos e serviço extraordinário de camionetes.

Cartas a uma amiga de longe

Janeiro, 1940

Querida amiga:

Portugal!... Coitadinho, é ainda uma aldeia, mas destas longínquas e remotas — dizem os que, por qualquer motivo, tiveram de sair da pátria. Mas, mais tarde ou mais cedo, essa aldeia entra-lhes fundo no coração e êsses entusiastas por tudo o que é moderno e estrangeiro, sentem a felicidade completa quando já estão de volta, novamente neste Portugal pequenino, de que tinham desdenhado.

A Eça de Queiroz, o grande dandy *do realismo, aconteceu a mesma coisa, na mocidade — tinha chancela francesa certa e determinada coisa; por isso era boa ou despertava interêsse.*

A permanência prolongada em terra estrangeira começou a influenciar o «meu escritor favorito», a pô-lo em contacto com ideas e sentimentos novos, que, se por um lado lhe enriqueceram o espírito, por outro lhe trouxeram também muita decepção... E os anos foram passando, a nostalgia veio, por fim, e Eça de Queiroz começou a olhar Portugal com mais carinho e mais amor. E foi nesse estado de espírito que escreveu a Cidade e as Serras, *êsse encantador romance, publicado já depois da sua morte e que é um mimo literário da primeira à última página.*

Eça é psicologo, é observador, é paisagista admirável, é estilista brilhante.

O 202, que não é se não o mundo ultra civilizado, é o fruto esplêndido da imaginação criadora do autor.

Jacinto, o doente de civilização, que na serra encontra remédio para todos os males que o apoquentavam e a que Paris não conseguia fazer o mesmo, foi modelado com mestria.

Zé Fernandes é o catequizador constante, o português bem português, que não troca o arroz dôce da tia Vicência pelo melhor manjar do cozinheiro francês do 202. E' ainda o que arrasta Jacinto para a serra e o faz ir tomando gôsto pela vida sádia da montanha.

E sem fraseados de retórica, sem ter que lançar mão a filosofias mórbidas, o nosso rei do realismo faz a distinção entre felicidade e progresso material. Mas esta distinção não se impõe, antes, surge da clareza da narração.

Amiguinha querida: eu admiro Eça, venero-o até. Para mim, êle é o prosador máximo da literatura portuguesa, o que mais me enche as medidas. Gosto do estilo pesado de Herculano, admiro Júlio Deniz e tantos outros, mas o Eça, o Eça é um génio.

Um abraço muito apertado da

Zèmi

Com 101 anos

Com esta bonita idade deixou de existir, no domingo, Maria Martins da Rocha, que, tendo nascido no logar do Solposto, aqui viveu a maior parte da sua longa existencia.

Era conhecida pela *Maria dos Perus*, tinha enviuvado há mais de meio século e o seu cadaver foi sepultado no cemitério central.

A terra lhe seja leve.

Na Beira-Mar

É hoje, ámanhã e depois que no bairo piscatório se festeja o S. Gonçalinho, na capela do mesmo nome e de cujo campanário serão arremaçadas, como é da tradição, cavacas sobre o arraial.

Haverá fogo de artificio e tocarão duas bandas de música — a *nova* e a *velha* — que deliciarão a assistencia durante os três mencionados dias.

Do programa faz parte, também, um cortejo de pastoras que, saindo ámanhã da igreja do Carmo, se dirigirá para o largo da capela onde serão leiloadas as afertas.

Resumo da conta de gerência da Comissão "Sopa dos Pobres,, de 1 de Janeiro a 31 de Dezembro de 1939

Receita		Despesa	
Subsídios diversos . .	20.610$00	Expediente	50$50
Sopas fornecidas a subsidiados pela Delegação do Fundo do Desemprêgo nesta cidade	5.143$50	Utensílios de cozinha .	766$25
Sopas vendidas avulso	5.958$00	Carnes, hortaliças e diversos temperos . .	14.855$80
		Artigos de mercearia .	9.088$60
		Soma	24.762$15
		Saldo para o próximo ano.	6.949$35
Total	31.711$50	Total	31.711$50

OBSERVAÇÕES: O pessoal, lenha, cozinha e outros serviços indispensáveis à execução e manutenção desta organização foram fornecidos pela Ex.ma Câmara Municipal dêste concelho.

Foram distribuídas 50.370 sopas. A média diária de sopas fornecidas nos mêses últimos tem sido de 138.

Aveiro, 31 de Dezembro de 1939

O Presidente da Comissão,
José de Almeida Azevedo

O Tesoureiro,
Cipriano António Ferreira Neto

Necrologia

Com 61 anos finou-se na segunda-feira o negociante de lenha, Domingos Joaquim Fernandes da Cunha, natural da Murtosa e cujo cadáver recebeu sepultura no cemitério novo.

Era casado e chamavam-lhe o *Rei da Lenha*.

* * *

No bairro de Sá também na terça-feira deixou de existir, com 69 anos, a sr.ª Maria José Marques Rodrigues, que no dia seguinte foi sepultada no cemitério central, tendo-se incorporado no enterro numerosas pessoas.

A extinta deixa cinco filhos, entre os quais a sr.ª D. Maria Marques Rodrigues e Morgado, professora oficial em Alqueidão (Figueira da Foz) e era sogra dos srs. António Tavares de Sousa e Manuel Gomes Gautier, industrial de panificação em Setúbal.

Aos doridos, as nossas condolências.

* * *

Esta semana igualmente deixaram o mundo: Manuel da Silva Palavra, viuvo, de 64 anos, sogro do sr. Manuel Gamelas, e Cecília de Jesus Dias da Conceição, de 59, casada com o sr. Albano da Conceição.

A's respectivas famílias, os nossos pêsames.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, Eduardo Simões Amaro, casado, de 77 anos, e Ana Marques de Jesus, casada com Firmino de Pinho Vinagre, de 63; na *Quinta do Picado*, António Simões da Rocha, casado, de 66, e em S. *Bernardo*, João Nunes Carlos, casado, de 77.

Agradecimento

A viuva e demais familia de Júlio Pereira de Melo, veem por êste meio agradecer às pessoas que durante a sua doença se interessaram pelo seu estado e depois o acompanharam á última morada.

A todos o seu profundo reconhecimento.

Aveiro, 10 de Janeiro de 1940.

Atenção para a 4.ª página

Correspondências

Costa do Valado, 11

Um grupo de rapazes e raparigas deliciou esta povoação, cantando os Reis com harmonia e música apropriada.

Bem fez para não serem tudo tristesas.

—Faleceu com 87 anos de idade o sr. João de Lemos, viuvo, e que, enquanto poude, foi um activo agricultor. Deixa alguns filhos, dois dos quais ausentes na Africa.

Era sogro da professora sr.ª D. Idalinda Dias.

Os nossos pêsames.

—Os bons dias, depois da chuva que caíu, foram de grande benefício para a lavoura.

Graças.

C.

Póvoa do Valado, 11

Acham-se de luto os nossos amigos Manuel Simões Tomaz e Manuel Vieira de Carvalho a quem faleceram, ao primeiro, um filho de 13 anos, e ao segundo uma irmã, que há muito sofria de doença incurável, mas a qual resistiu bastante devido aos cuidados da família e tratamento dos médicos chamados em seu auxílio.

Ambos os cadaveres foram acompanhados ao cemitério da Barroca por grande número de pessoas da frèguesia e de fóra, tendo-se notado em muitos rostos visiveis sinais de comoção.

Ás familias doridas os nossos sentidos pêsames.

C.

Quintans, 11

Por ter entrado em vigor um novo horário dos comboios, passamos a dar aos leitores dêste jornal, e que se servem da nossa estação, o que dele mais póde interessar.

Partida das Quintans

Para o Norte	Para o Sul
4,50	0,31
5,12	7,10
11,8	9,11
13,30	12,54
17,25	16,21
20,42	21,52

Consta-nos que se pensa fazer uma representação à Companhia por êste horário trazer alguns inconvenientes aos povos da região.

C.

Taboeira, 6

Com 78 anos finou-se, no dia de Natal, o sr. Tomé da Silva, que no dia seguinte teve um enterro bastante concorrido por pessoas dêste logar e das circunvisinhanças.

O extinto era casado, pai do sr. Manuel da Silva Crespo e tio do sr. João Nunes Crespo.

A familia enlutada, as nossas condolências.

—Os salteadores de capoeiras têm feito por estes sitios bôas colheitas, sendo inumeras as aves desaparecidas misteriosamen-te... Disse-nos o *pilha-galinhas* deixou discipulos...

—Também há dias os gatunos assaltaram a residencia do sr. Manuel Marques Ferreira, levando do curral do seu aido um cordeiro cuja cabeça apareceu, mais tarde, num pinhal da Azurva, e deixando muito mal tratada uma ovelha que veio a morrer.

De que raça...

—Ontem á noite abateu por completo a cosinha da propriedade do sr. Joaquim Fernandes Dias, ficando todos os utensilios despedaçados devido á violencia do desmoronamento.

Felizmente não se registam vitimas.

—Depois de aqui ter passado alguns dias, retirou para a capital o nosso amigo António Emanuel da Costa Lemos, filho da sr.ª D. Glória da Costa Lemos, digna professora oficial.

—De visita ao sr. António Marques da Silva também aqui veio passar o Ano Novo seu filho Malaquias Marques da Silva, residente no Porto.

—Estiveram igualmente em Taboeira a passar as festas do Natal muitos conterrâneos nossos que já regressaram ás terras onde exercem a sua actividade.

—Encontra-se doente o nosso amigo Lourenço Dias de Carvalho, a quem desejamos completo restabelecimento.

C.

Esgueira, 11

Ontem de manhã deu-se aqui um grave desastre com funestas consequências, pois nele perdeu a vida a sr.ª Ana de Oliveira Castro, de 54 anos, esposa do sr. Francisco da Silva Castro, industrial no Pará (E. U. do Brasil).

Relata-se em duas palavras: a vítima, ao subir a um moinho que tinha na sua propriedade, com uma porção de milho para reduzir a farinha, fê-lo com tanta imprevidência que as pontas do chale em que se embrulhava ficaram presas às engrenagens do engenho que a arrastaram e trucidaram. Aos seus gritos aflitivos acorreram alguns vizinhos que imediatamente travaram o moinho e retiraram a infeliz, já inanimada, sem vida!

A triste ocorrência, no ser conhecida, consternou toda a gente da nossa terra, pois a sr.ª Ana Castro era assaz estimada.

Deixa dois filhos e uma filha a sr.ª D. Palmira de Oliveira Castro Vinagre, residente nessa cidade; era cunhada do sr. João da Silva Castro, residente em Lisboa, e irmã do sr. José dos Santos Oliveira que no entêrro conduziu a chave da urna.

A toda a família da extinta, que foi acompanhada ao cemitério por muitas pessoas, os nossos sentidos pêsames.

—Na igreja matriz teve logar a semana passada o casamento do sr. Evaristo Rodrigues Lopes, com a sr.ª D. Ana de Castro Lopes.

Muitas felicidades.

C.

Eixo, 7

Na capela da Quinta de S. Francisco, antiga vivenda do saudoso e ilustre escritor sr. dr. Jaime de Magalhãis Lima, teve hoje logar o enlace matrimonial da sua neta a sr.ª Maria do Cardal Azevedo Magalhãis Lima, filha do sr. dr. Sebastião de Lemos M. Lima, com o sr. José Carlos de Queiroz Osório, proprietário em Mangualde e filho do sr. Carlos Luís do Amaral Osório.

Foi celebrante o sr. João de Lima Vidal, administrador apostólico da diocese.

—Por aquele virtuoso antitese e dilecto filho desta terra, acaba de ser oferecida à Sopa Escolar dos pobresinhos a quantia de 50$00, gesto êste que mais uma vez revela os seus sentimentos altruistas.

—Faleceram: José Gomes Marques, lavrador, de 62 anos; Inácio Coelho da Silva, de 66, e Tereza Vieira de Jesus, de 78. Esta é mãi do nosso amigo António Dias Vieira, ausente na Africa Oriental.

A's famílias enlutadas, os nossos pêsames.

—Adoeceu com alguma gravidade o sr. João Nunes de Carvalho e Silva Júnior, a quem desejamos completo restabelecimento.

C.

Oliveirinha, 10

Em avançada idade, pois já contava 88 anos, finou-se no próximo lugar da Moita, a sr.ª Maria Tavares que há muito tinha enviuvado.

A' família da extinta, os nossos sentimentos.

—Festejou hoje o seu aniversário o nosso amigo Abílio Figueira Maia, a quem felicitamos.

C.

Dinheiro achado

No quartel da 2.ª Comp. da G. N. R. em Aveiro, encontra-se depositada uma certa quantia em moeda papel, achada pelo soldado n.º 112, numa carruagem do tramuei da Figueira que chega a Aveiro às 10 h. e 22.

A quantia será entregue a quem provar pertencer-lhe.

Prédio

Vende-se na Avenida Bento de Moura onde está a Tanoaria, com frente também para a Rua Manuel Firmino e que foi do falecido Inácio Cunha.

Tratar com Francisco Augusto Duarte, na Avenida Central.

Marinha de sal

Vende-se uma chamada *Marcela*.

Tratar no Largo Maia Magalhãis, 24—Aveiro.

Propriedades

Vende-se em Esgueira a quarta parte das que pertenceram aos professores Luís Henriques Pinheiro e esposa D. Luisa de Jesus Henriques.

Quem pretender, dirija-se, das 14 às 16 horas, a Rosa dos Santos Gamelas, Largo do Pelourinho — Esgueira.

Comarca de Aveiro

Arrematação

1.ª publicação

No dia 28 do corrente mês, pelas 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca e na Execução Fiscal Administrativa que a Fazenda Nacional move contra o executado Manuel Mateus Novo, casado, lavrador, de Cacia, proceder-se-á à arrematação em hasta pública, a-fim-de serem entregues a quem maior lanço oferecer acima dos valores por que vão á praça, os seguintes bens:

Uma casa de habitação na rua da Fonte, do lugar e frèguesia de Cacia, no valor de 4.840$00;

Um terreno a pasto sito na Balsa, do lugar de Cacia, no valor de 1.535$00;

Uma terra de semeadura e pinhal, sita no Carreguinho, limite de Cacia, no valor de 1.667$60;

Uma terra de semeadura sita no Vale do Godinho, frèguesia de Cacia, no valor de 3.823$60;

Pelo presente são citados quaisquer crèdores incertos ou desconhecidos para assistirem à praça e usarem dos seus direitos, querendo.

Aveiro, 6 de Janeiro de 1940.

Verifiquei

O Juiz de Direito da 1.ª Vara

Perestrelo Botelheiro

O Chefe de Secção

Julio Homem de Carvalho Crist

Horário dos comboios

Partidas para o norte	Partidas para o sul
5,27 (correio)	7,10 (tram.) Fig.
5,41 (tram.)	9,11 (correio)
6,53 »	12,54 (tram.) Fig.
11,22 »	16,21 (tram.)
12,56 (rápido)	19,29 (rápido)
13,43 (tram.)	21,52 (tram.)
17,38 »	0,31 (correio)
20,53 (correio)	

Aos sábados há um *rápido* às 22,27.

Do Porto chega um *tram.* às 19 horas que não segue.

A's segundas-feiras há um *rapido* às 10,12.

LINHA DO VALE DO VOUGA

PARTIDAS	CHEGADAS
7,28	10,29
13,21	17,28
18	23

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

A FECHAR

Uma senhora tem o costume de trazer sempre um ouvido atulhado de algodão em rama.

—Pelo que vejo a senhora sofre dos ouvidos, não é assim?

—Não, cavalheiro; mas, como sou muito distraída, sirvo-me dêste meio para impedir que me saia por um ouvido o que me entra pelo outro.